

Quando o trabalho se sobrepõe aos estudos: a evasão escolar como um problema no Ensino Médio

Cassia Souza de Mesquita

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - PY

Resumo:

O presente artigo aborda uma análise crítica sobre a evasão escolar no Ensino Médio durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Primeiramente, é realizada uma contextualização teórica acerca do tema, acompanhada de dados estatísticos recentes, com destaque para os fatores que levam os jovens a deixarem a escola. Em seguida, identificamos os desafios que enfrentam para garantir seu sucesso e permanência nas instituições de ensino. A conclusão reafirma que o Ensino Médio representa um direito da juventude brasileira e uma condição fundamental para a cidadania. Portanto, garantir o acesso, a continuidade e o êxito dos estudantes são essenciais para que possam se desenvolver plenamente e reconhecer sua capacidade de fazer escolhas.

Palavras-chave: Evasão escolar. Ensino Médio. Direito à Educação.



Recebido em: Agosto 2024; Aceito em: Jan. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.534

Entre Polos e Confluências: diálogos acadêmicos multitemáticos

Março, 2025, v. 3, n. 24

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



When work overlaps with studies: school dropout as a problem in high school

Abstract:

This article addresses a critical analysis of school dropout in high school during the Covid-19 pandemic in Brazil. First, a theoretical contextualization of the theme is carried out, accompanied by recent statistical data, with emphasis on the factors that lead young people to leave school. We then identify the challenges they face in ensuring their success and permanence in educational institutions. The conclusion reaffirms that High School represents a right of Brazilian youth and a fundamental condition for citizenship. Therefore, ensuring students' access, continuity, and success are essential for them to be able to fully develop and recognize their ability to make choices.

Keywords: School dropout. Middle school. Right to Education.

Quando el trabajo se solapa con los estudios: la deserción escolar como problema en el bachillerato

Resumen:

Este artículo aborda un análisis crítico de la deserción escolar en la enseñanza media durante la pandemia de Covid-19 en Brasil. En primer lugar, se realiza una contextualización teórica del tema, acompañada de datos estadísticos recientes, con énfasis en los factores que llevan a los jóvenes a abandonar la escuela. A continuación, identificamos los desafíos a los que se enfrentan para garantizar su éxito y permanencia en las instituciones educativas. La conclusión reafirma que la enseñanza media representa un derecho de la juventud brasileña y una condición fundamental para la ciudadanía. Por lo tanto, garantizar el acceso, la continuidad y el éxito de los estudiantes es esencial para que puedan desarrollarse plenamente y reconocer su capacidad para tomar decisiones.

Palabras clave: Deserción escolar. Secundaria. Derecho a la educación.

Introdução

No início dos anos 2000, a pesquisadora Carlota Boto (2005) desenvolveu uma análise relevante sobre o direito à educação, evidenciando três gerações desse debate na sociedade brasileira. A primeira geração considera a educação um direito fundamental, com o objetivo de ampliar o acesso à escolarização através da democratização. A segunda geração foca na qualidade do ensino, alinhando-se aos princípios democráticos que orientam a vida escolar. Por sua vez, a terceira geração se concentra no atendimento a grupos sociais que enfrentam maiores obstáculos para acessar esse direito, utilizando a justiça distributiva como abordagem.

Nesse âmbito, são abordadas questões como a reserva de cotas para minorias étnicas e a diversidade nas políticas curriculares. Como salientou Boto (2005, p. 792), essa terceira geração de direitos estimula o debate sobre ações afirmativas e a necessidade urgente de direcionar políticas públicas em apoio a setores historicamente excluídos do acesso a direitos que lhes são garantidos por lei.

Em um diagnóstico mais recente sobre as políticas curriculares do Ensino Médio, Silva e Oliveira (2021) observam que, de um lado, as políticas contemporâneas buscam estabelecer um padrão de qualidade, definindo o que todos devem aprender como parte da garantia de direitos e da democratização do ensino. De outro lado, identificam um discurso cada vez mais individualizante e meritocrático, onde o sucesso ou fracasso são atribuídos à responsabilidade de cada indivíduo, seja estudante ou docente.

Este artigo tem o objetivo principal de compreender e discutir a evasão escolar em um período afetado pela Pandemia do Covid-19 e pela crise de emprego. A hipótese formulada sugere que a combinação entre estudo e trabalho dos jovens tem sido um fator crucial para o abandono escolar, especialmente no Ensino Médio.

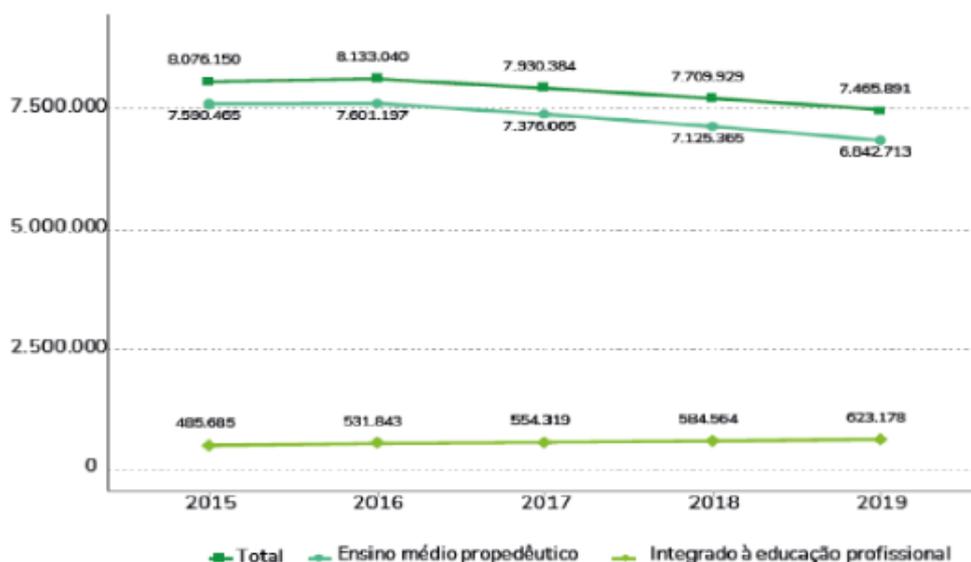
Na abordagem metodológica, foram realizadas revisões e levantamentos de referências teóricas e bibliográficas, embasadas em estudos de Cury

(2002), Dore e Lüscher (2011), Fritsch e Vitelli (2016), além da análise de dados provenientes de pesquisas como as de Datafolha (2020), Néri (FGV, 2021) e IBGE (2019). Para explorar o tema, utilizamos a categoria totalidade, estabelecendo conexões entre o contexto da Pandemia, os resultados das pesquisas e o fenômeno da evasão escolar.

A Evasão

Neste artigo, examinamos a evasão escolar considerando-a como sinônimo de abandono escolar, referindo-nos à perda de alunos que começam seus estudos, mas não os finalizam. Sob essa perspectiva, a evasão escolar implica desistência dos estudos por qualquer razão que não seja a conclusão dos mesmos (Fritsch, 2017). Ao analisarmos os dados do Ensino Médio nos últimos anos, observamos que, apesar da ampliação do direito à educação até os 17 anos, isso não garante a aprendizagem nem a permanência dos estudantes na escola.

Imagem 1. Quantitativo de matrículas no Ensino Médio de 2015 a 2019



Fonte: Deed/Inep. Dados do Censo da Educação Básica (2019).

O Censo de 2019 aponta uma redução de 7,6% nas matrículas do Ensino Médio entre 2015 e 2019, conforme demonstrado no Gráfico 1. Por

consequente, é imprescindível discutir o Ensino Médio de maneira integrada, uma vez que as políticas e as concepções relacionadas a essa fase devem ser consideradas dentro do contexto histórico, político e social em que estão inseridas.

A rede pública estadual se destaca nas matrículas do Ensino Médio, alcançando notáveis 83,9%, seguida pela rede privada com 12,5% e pela rede federal, que representa apenas 3%. Isso evidencia a predominância das instituições públicas no Brasil em termos de matrículas nesse nível de ensino.

Ao examinarmos a população jovem, composta por cerca de 50 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos, observamos que 20,2% não conseguiram concluir o Ensino Médio, seja por abandono ou por nunca terem frequentado a escola (IBGE, 2019). Essa estatística equivale a 10,1 milhões de jovens, sendo 58,3% homens e 41,7% mulheres. Em relação à cor ou raça, 27,3% se identificam como brancos, enquanto 71,7% se identificam como pretos ou pardos.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) do IBGE (2019), a análise do abandono escolar entre jovens de 14 a 29 anos revela que as taxas de desistência são mais elevadas a partir dos 16 anos, variando de 15,8% a 18,0%. O abandono escolar antes dos 14 anos apresenta índices de 8,5% até os 13 anos e de 8,1% aos 14 anos. Esse padrão se repete tanto entre homens quanto entre mulheres, além de haver semelhanças entre brancos e pretos ou pardos. Ao focarmos nos jovens de 15 anos, prestes a ingressar no Ensino Médio, notamos que o percentual de desistência quase dobra quando comparado ao de 14 anos.

Dore e Lüscher (2011) sustentam que, para uma compreensão adequada do abandono escolar, é essencial considerar três dimensões: 1) os níveis de escolaridade onde ocorre, como educação obrigatória, média ou superior; 2) os tipos de evasão, que englobam descontinuidade, retorno e não conclusão; e 3) os motivos para a evasão, que podem incluir transferência escolar, inserção no mercado de trabalho, desinteresse ou dificuldades de ordem pessoal e social (Dore; Lüscher, 2011).

A pesquisa indicou que muitos jovens abandonaram ou nunca frequentaram a escola devido à necessidade de trabalho, sendo essa a principal justificativa. No Brasil, essa realidade impacta 39,1% dessa faixa etária. Entre os homens, 50,0% justificam o abandono escolar pela atividade laboral, enquanto 40,0% são da população branca. Para as mulheres, os principais fatores de abandono citados incluem a falta de interesse (24,1%), a gravidez (23,8%) e o trabalho (23,8%). Destaca-se que 11,5% das mulheres mencionaram os afazeres domésticos como a principal razão, enquanto para os homens esse índice é significativamente menor (PNAD, 2019).

A justificativa "trabalho ou precisar trabalhar" se evidencia como a mais frequente em todas as regiões, com ênfase no Centro-Oeste (43,1%) e no Sul (48,3%). A Região Nordeste apresenta a menor taxa, com 34,1%. Além disso, a falta de interesse em estudar ocupa a segunda posição, sempre superior a 25%, alcançando 31,5% no Nordeste. Juntas, essas duas razões englobam cerca de 70% dos jovens, independentemente da região, o que ressalta a urgência de implementar ações que incentivem a permanência deles na escola. Contudo, é fundamental ressaltar que essa situação está também associada a outras políticas sociais, como emprego e geração de renda.

Em 31 de agosto de 2021, o IBGE divulgou dados sobre a ocupação e desocupação do segundo trimestre de 2021, revelando uma taxa de desocupação de 14,1% e um total de 14,4 milhões de desempregados, refletindo um aumento de 12,9% em comparação ao mesmo período de 2020 (12,8 milhões de pessoas). Segundo Antunes (2020, s/p), embora a pandemia não tenha sido a causa da crise no mercado de trabalho, ela evidenciou a gravidade da situação enfrentada pela classe trabalhadora. Os dados apresentados corroboram essa realidade. Quando uma família se vê sem emprego ou é forçada à informalidade, especialmente em tempos de pandemia e crise econômica, muitas vezes são os filhos, predominantemente alunos do Ensino Médio, que contribuem para o sustento do lar. Nossa tese é que a necessidade de trabalho pode ser uma das causas da evasão escolar, conforme demonstram as pesquisas de Dore e Lüscher (2011).

Entre o Estudo e o Trabalho

No Brasil, as crises política, econômica e social, que se tornaram mais intensas após o golpe de 2016, resultaram em diversas reformas significativas, como a Reforma Trabalhista, a Reforma da Previdência e a Reforma na Educação. Essa crise, oriunda de um projeto político que margina a maior parte da população, foi ampliada pela pandemia de Covid-19, agravada pela ausência de propostas concretas para a sua superação, criando uma situação insustentável para muitas famílias. Essa realidade faz com que diversos jovens ingressem precocemente no mercado de trabalho em decorrência da necessidade financeira. Muitos buscam equilibrar suas atividades de estudo e trabalho para contribuir com a manutenção de suas famílias.

Segundo Batista, Souza e Oliveira (2009), o abandono escolar é uma decorrência de múltiplas dimensões interligadas e conflituosas, que englobam aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais. Logo, a análise do abandono escolar deve considerar essa interconexão, uma vez que as dimensões socioeconômicas, culturais, educacionais e sociais, entre outras, se entrelaçam.

As políticas atuais, especialmente neste momento, têm falhado em promover a continuidade dos estudos, proporcionando poucas perspectivas para os jovens. Ao avaliarmos estudantes de instituições públicas, deparamos com dados que, embora relevantes, não são conclusivos. O ensino superior já não está mais nos planos desses jovens, como ocorria há cinco, seis ou dez anos. Eles frequentemente relatam a necessidade de trabalhar para sustentar ou auxiliar suas famílias, adiando assim o sonho de ingressar no ensino superior em função do contexto econômico e social (Caetano, 2020), como revelado nas narrativas de alunos do primeiro ano.

Por outro lado, é evidente que os estudantes estão cada vez mais sobrecarregados, influenciados por fatores como pressão social e familiar, além do estresse e da ansiedade relacionadas às responsabilidades do Ensino Médio. Isso pode levar alguns a interromper temporariamente todas as etapas

subsequentes, incluindo o ENEM e o Ensino Superior. Contudo, após certo período e dependendo de suas condições pessoais e emocionais, muitos conseguem reativar esses processos (Caetano, 2020). Um exemplo é o relato de uma estudante de 22 anos que retomou os estudos após formar uma família. Os dados do ENEM de 2021 refletem essa realidade, mostrando apenas 3,1 milhões de inscrições confirmadas, o menor número desde 2005. Essa baixa adesão ao principal caminho de acesso à universidade para os jovens sublinha as dificuldades enfrentadas na educação durante a pandemia. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), dos 4.004.764 candidatos ao Enem de 2021, apenas 3.109.762 confirmaram suas inscrições. Este é o menor número desde 2005 e representa uma queda de 46% em relação ao ano anterior, quando a pandemia teve início (Florêncio, 2021). A taxa de abstenção de 55,3% entre os inscritos confirmados foi a maior da história do Enem, superando a taxa de 39,5% contabilizada em 2009 (idem). Barganholo (2021, s/p) discute a realidade em que “o resultado do Enem 2020 refletiu o que vivenciamos no ano anterior; os alunos que tiveram oportunidades obtiveram boas notas, enquanto muitos, infelizmente, não realizaram a prova”. Este cenário evidencia as desigualdades educacionais agravadas pela pandemia. Em outras palavras, nem todos os estudantes dispõem dos mesmos recursos ou conseguem se adaptar ao ensino remoto, o que transforma a preparação para o ENEM em uma preocupação secundária. Muitos jovens estão mais focados em garantir sua sobrevivência, fazendo com que a aspiração de ascender socialmente por meio da educação superior se torne cada vez mais distante. Esses aspectos evidenciam a profunda desigualdade presente em nosso país e no sistema educacional.

Essa realidade nos leva a refletir sobre a estrutura da cultura escolar, com o objetivo de guiar os estudantes em busca de um propósito (Krawczyk, 2011), que é entendido como “sentido de progresso e/ou de mudança, transformação, uma lógica do tempo diferente da do jovem” (Krawczyk, 2011, p. 764). As informações analisadas neste artigo, junto aos relatos dos estudantes, revelam um forte sentimento de insegurança em relação ao futuro,

levando-os a questionar a razão de sua educação. A diversidade de contextos e a crescente incerteza sobre o amanhã se somam às dúvidas apresentadas pelos alunos, dificultando sua permanência nas instituições de ensino.

Nesse contexto, Krawczyk (2011) nos provoca a considerar que reconhecer essa situação não deve se limitar ao desenvolvimento de competências que os preparem para um ambiente incerto, mesmo que precário. Para a autora, o desafio reside em “reconhecer a existência desse sujeito, para o qual a relação entre passado, presente e futuro é bem diferente da que a escola propôs articular” (Krawczyk, 2011, p. 765). As análises deste estudo devem ser contextualizadas de maneira mais ampla, levando em conta as transformações no mercado de trabalho, conforme abordado por reconhecidos sociólogos.

Antunes (2010) observa, ao explorar o contexto brasileiro, um movimento pendular na classe trabalhadora. De um lado, um número cada vez menor de homens e mulheres trabalha arduamente; de outro, um número crescente de trabalhadores enfrenta dificuldades para encontrar ocupações, aceitando qualquer emprego, o que, segundo ele, alimenta uma tendência global de precarização do trabalho.

Antunes (2010) não argumenta que o trabalho esteja desaparecendo, mas descreve uma nova morfologia laboral, resultado de transformações significativas no mundo do trabalho nas últimas décadas. Em uma análise mais recente, Antunes (2014) aprofunda essa temática, destacando que as mudanças no capitalismo a partir de 1980 e 1990 trouxeram alterações na própria essência da classe trabalhadora. Ele enfatiza que, com a ascensão do neoliberalismo na década de 1990, houve uma reestruturação produtiva marcada por novos padrões de organização e métodos participativos (Antunes, 2014, p. 40). Essa “nova configuração da classe trabalhadora” seria caracterizada pelo trabalho flexível, produtivo e desregulamentado.

Essa realidade, segundo as análises sociológicas de Antunes (2010; 2014), foi acentuada durante a pandemia, resultando em um aumento do número de jovens que começaram a trabalhar em condições precárias para ajudar suas famílias. Assim, ao correlacionarmos a falta de esperança da

juventude em relação à sua escolarização com um contexto de intensificação da precarização e escassez de empregos, criamos um ambiente propício para o aumento da evasão escolar. Acreditamos que as instituições de ensino devem estar atentas a esse diagnóstico, implementando estratégias para combater a evasão e, assim, construir novas respostas aos desafios enfrentados pela juventude.

Considerações Finais

Diante do exposto, pode-se concluir que a evasão escolar é um fenômeno complexo, cujas raízes ultrapassam o contexto escolar, envolvendo toda a sociedade. A reflexão acerca desse tema é essencial, pois deve ser integrada às discussões sobre políticas educacionais. Para mitigar o abandono escolar, é fundamental a participação ativa das famílias, juntamente com a escola e os educadores.

O estudo indicou que as causas do abandono estão, em parte, vinculadas ao ambiente escolar, exigindo um papel proativo por parte dos educadores e da equipe técnica. No entanto, também existem causas externas que devem ser identificadas pela escola, em colaboração com as famílias. Essa cooperação mútua pode ser crucial para a diminuição da evasão no ensino médio.

Logo, se mostra imprescindível debater essas questões para elaborar estratégias e promover investimentos que incentivem os educadores a adotarem novas metodologias de ensino. Essa iniciativa demanda a total participação e confiança de alunos, professores e diretores; embora desafiadora, pode acarretar benefícios significativos tanto para a escola quanto para a sociedade.

Indivíduos bem-informados são fundamentais para o avanço social, econômico e cultural do país. Portanto, a evasão escolar ainda requer um esforço substancial para ser erradicada. Entretanto, pequenas modificações nas metodologias de ensino, a flexibilização dos horários para aqueles que

trabalham ou que são mães, e a criação de um ambiente escolar mais acolhedor podem, mesmo que de forma gradual, contribuir para a diminuição das taxas de abandono escolar e para a melhoria da educação, promovendo, assim, o desenvolvimento regional.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. Entrevista a Lu Sudré. **Pandemia desnuda perversidades do capital contra trabalhadores**. Brasil de Fato. 27 de junho de 2020.

ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990. **Sociologia**, Porto, v. 27, p. 11-25, jan. 2014.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BATISTA, Santos Dias; SOUZA, Alexandra M.; OLIVEIRA, Júlia Maria da Silva. A Evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.9, n.19, 2009.

BOTO, Carlota. A educação como direito humano de três gerações: identidades e universalismos. **Educação & Sociedade**, v. 26, n.92, p. 777-798, 2005.

CAETANO, Maria Raquel. **"Não me inscrevi no Enem porque não me sinto preparado"**: relatos de um 2020 perdido. Entrevista Daniel Giovanaz. Brasil de Fato. São Paulo. 10 de Janeiro de 2021.

DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. In: **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 772-789, set. /dez. 2011.

FLORÊNCIO, Gabriel R.M. **Enem 2021 têm o menor número de inscritos desde 2005**. Publicado: 27 Julho 2021. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

FRITSCH, Rosângela. Evasão escolar, mundo da escola e o mercado de trabalho: o que dizem jovens do Ensino Médio de escolas públicas. In: DORE, Rosemary et al (Org.). **Educação Profissional e Evasão Escolar: contextos e perspectivas**. Belo Horizonte: RIMEPES, 2017.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa**, v.41, n.144, set/dez, 2011.

IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2019**.